

O GROTESCO E O SUBLIME –TEMAS DE SEMPRE

Sandra Marques Parracho Sant'Anna
UFRJ – Faculdade de Letras

Quando o século XIX chegou, encontrou o homem europeu marcado por profundas transformações causadas principalmente pela revolução francesa. Tal episódio histórico fez ruir as bases aristocráticas, dando lugar à ânsia de liberdade que teve como consequência a reformulação da mentalidade social. Foi, então, a vez da arte popular dos românticos, do direito à liberdade individual, da exacerbação da boemia, do “mal du siècle”.

O romantismo, movimento renovador, instaurou-se desde o início como movimento de combate à Escola Clássica, uma vez que esta atava a arte aos grilhões da perfeição. Se antes a concepção era a do antropocentrismo - o homem era o ponto central -, a de agora impunha ao racionalismo e ao universalismo preconizados nos séculos XV, XVI e XVII o sentimentalismo, o individualismo, o escapismo.

Em meio a esse turbilhão de emoções, a voz de Victor Hugo ressoa: “Ni règles, ni modèles!”.

Embora a França tivesse ilustres representantes desse período como Diderot, Rousseau, Lamartine, Dumas entre outros, nenhum teve mais expressão do que Hugo no que diz respeito à influência que exerceu na literatura brasileira do século XIX. Influência que se evidencia na poesia apaixonada de Castro Alves, por exemplo.

Victor Hugo, “o pai da poesia moderna”, deixou obra fecunda em verso, drama, romance, epopéia, sátira. Todavia, para desenvolvimento deste trabalho, tomam-se *Notre-Dame de Paris* e o prefácio *Do grotesco ao sublime* que escreveu para o drama *Cromwell*. Prefácio este que se tornou “obra de referência obrigatória quando se trata de estética romântica”.

Segundo Hugo, “o sublime sobre o sublime dificilmente produz um contraste, e tem-se necessidade de descansar de tudo, até do belo. Parece, ao contrário, que o grotesco é um tempo de parada, um termo de comparação, um ponto de partida, de onde nos elevamos para o belo com uma percepção mais fresca e mais excitada”. Assim, pode-se afirmar que a cigana Esmeralda, protagonista de “*Notre-Dame de Paris*”, brilha porque ao redor há andrajosos, mendigos, e ladrões; becos escuros e fétidos; miséria; lascívia; perversão. A sociedade alija o grotesco Quasímodo à torre e aos labirintos da catedral. É ele dotado de feiúra, movimentos bruscos e força bruta, mas também de nobreza de caráter o que lhe permite apaixonar-se por Esmeralda, despertando sentimentos que oscilam entre horror e comoção. Beleza e pureza femininas contrastam com uma Paris deplorável. O lado *gauche* da cidade é o cenário que interessa, pois é Esmeralda que o ilumina. Embora o amor do disforme sensibilize, não é concretizado porque o horrível não combina com o belo. O amor é devotado e puro, mas a deformidade do guardião dos sinos ante o esplendor de Esmeralda mais parece uma heresia – os dois são azeite e água.

Situação semelhante vivem os protagonistas do conto de Figueiredo Pimentel, “*A Bela e a Fera*”. Este difere do romance francês porque a Fera recupera forma humana, transformando-se por obra do amor em príncipe formoso. Uma vez que não há contraste, ambos os personagens podem se pertencer e casar.

Este trabalho tem por objetivo enfocar o grotesco e o belo na literatura infanto-juvenil brasileira. Dentre tantas versões do conto maravilhoso *A Bela e a Fera*, selecionou-se a narrativa feita por Figueiredo Pimentel, nos *Contos da Carochinha*. A escolha se deve aos detalhes que enriquecem a história, povoando, desse modo, o imaginário do leitor. O autor usa múltiplas situações vividas pelos personagens, enumera-lhes desditas e venturas.

É proposta deste trabalho ainda constatar e ratificar a preciosidade que existe na tradição oral; como histórias maravilhosas sempre ajudaram a amenizar as dificuldades

humanas; e como o homem perpetuou a espécie “costurando” a ela narrativas que, variando de cultura, de país, de continente chegam aos mais distantes rincões em “trajes” adaptados e nuances locais, mas mantendo o “molde” original.

Enveredar pelas tramas de *A Bela e a Fera* não é apenas ler um conto maravilhoso. É partir numa busca que leva a informações sobre Lucio Apuleio e sua obra - *Metamorfoses*, ou *O Asno de Ouro*. E de posse dessas informações, conhecer o mito de *Eros e Psiquê*, de origem grega e tão meticulosamente trabalhado por Apuleio no já citado *Metamorfoses*.

Sabe-se que ele nasceu provavelmente em 125 e morreu em 170 D.C. e teve uma vida bastante movimentada. Era dotado de capacidade de persuasão, de facilidade na expressão oral, o que se constata em sua narrativa, pois era “clara, direita, reta, ilustrada com histórias”.¹

Tema, oralidade e detalhamento são traços que aproximam a história de Apuleio da de Figueiredo Pimentel.

Não será pois, o Asno de Ouro, nem símbolo nem sátira, mas narrativa popular, a modo de contador de histórias, pois que Apuleio se revela um imoderado apreciador de contos de tradição popular.²

De tal modo o conto em questão permanece alvo do interesse, que se justifica, muito apropriadamente, a lembrança do francês Victor Hugo. A semente que este autor lançou no Romantismo europeu não poderia florescer e fenecer no século XIX, nem tampouco permanecer restringida à França. Tão marcantes foram as idéias dele que fecundaram mentes e ganharam mundo e até hoje se impõem. O homem do século XXI ainda se identifica com o do Romantismo; ainda é um sonhador; ainda luta por igualdade e justiça social.

No romance *O Corcunda de Notre-Dame*, o autor enfoca a união do grotesco ao sublime, do belo ao feio, tal qual sucede em *A Bela e a Fera*, guardando-se as devidas diferenças quanto a desenvolvimento e desfecho. Portanto, mais uma vez justifica-se a escolha

¹ in Apuleio, Lucio. *O Asno de Ouro*. p. 9. Ediouro. RJ

² in idem, p. 13

do conto que tão bem explora o amor desinteressado, a renúncia à vida por amor a outrem, a descoberta de sentimentos nobres sob aparência medonha, o ver o outro, a solidão de quem repugna e é repudiado, enfim pela proximidade entre realidade e fantasia.

Falar-se de tradição oral é remeter ao minucioso e paciente trabalho de pesquisa realizado pelos irmãos Grimm. Eles colheram da oralidade do povo os contos de fada que permanecem na literatura universal até hoje.

É indiscutível o cuidado que tiveram com a organização literária, uma vez que suas narrativas não receberam uma nova roupagem, ou seja, não houve intromissão dos ouvintes atentos que foram os Grimm. A esses contos não lhes deram cunho pessoal, ao contrário, preocuparam-se com a fidedignidade do que lhes era narrado. É possível que resida nessa fidedignidade o interesse que ainda despertam e até por isso devam ser lembrados. Os irmãos conheceram, registraram e editaram com outros contos de fadas a história de Apuleio, mas dispensaram publicá-la nos KINDER-UND-HAUSMÄRCHEN, “ *não só por ser obscena, mas porque era clássica, e eles visavam a uma antologia puramente alemã*”³.

Apesar de não fazer parte da mais famosa publicação dos irmãos filólogos, o amor de Bela e Fera tem penetração indiscutível no gosto popular. Os extremos que surgem na narrativa são de interesse do leitor.

É de conhecimento geral o sucesso alcançado pelo desenho animado *a Bela e a Fera* produzido pelos estúdios Walt Disney, em 1993. O imaginável tornou-se concreto ganhando dimensões na tela, em cores, som e movimento.

O século XXI é recém-chegado. Tecnologia e adaptação a ele exigem constantes mudanças a fim de que se acompanhe o tempo em que se vive para que se possa sobreviver. Todavia, o homem luta contra os tormentos que se desencadeiam nesse mesmo tempo, e os quais ele a si mesmo causa. E um dos recursos de que se vale é manter suas tradições, ler e

³ in WARNER, Marina. *Da Fera à Loira*. SP: Companhia das Letras, 1999. P. 177

ouvir sua história e recontá-la sem perder a esperança de que, nos séculos vindouros, ela aquecerá os corações à luz de um calor que não virá mais das fogueiras acesas por seus antepassados, mas emanará da própria essência humana.

Os ingredientes para a trama são apresentados de imediato ao leitor: a confortável situação econômica do mercador; a família constituída por ele e três filhas belíssimas. Aparentemente, estabilidade econômica, harmonia doméstica e beleza feminina convivem sem maiores entraves. No entanto, o que poderia parecer perfeito não é. Logo se é informado de que o caráter das duas filhas mais velhas não lhes fazia jus à beleza. São caracterizadas como “*más, astuciosas, dissimuladas e invejosas*”.⁴

A mãe de Bela é ausente, sequer é mencionada. Não existe a figura materna protetora, que orienta e protege as filhas. Estas, por sua vez, desdenham a irmã, tentam prejudicá-la e sentem-se preteridas pelo pai em favor da filha caçula, que em nenhum momento demonstra tirar partido de tal situação, uma vez que apresenta um comportamento “modelar”: conformada com tudo quanto a vida lhe oferece, desprendida do próprio bem-estar e segurança.

Bela quer dizer bonita, encantadora, elevada, sublime, boa, generosa; todas as qualidades de que se reveste a heroína em questão para remir o homem amado. Fera, do latim *ferus* é o feroz, o selvagem, o bravio, todos os atributos que se opõem aos de Bela. Mas um feroz que é dócil, gentil, capaz de sofrer por amor, e de quase morrer se não encontra resposta para esse sentimento sublime que lhe amaina os tormentos causados pela deformidade.

Portanto, Bela é a heroína que enfrentará os embargos e precisará superá-los para ser feliz e proporcionar felicidade, para saber o que é amar e ser amada. Não só ela, como Psiquê e Esmeralda estão fadadas a encarar toda espécie de dissabores no campo amoroso. Enquanto

⁴ in PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da Carochinha*. 25ª-ed. RJ: Livraria Quaresma Ed., 1958. p. 170

que para as duas primeiras o sofrimento é recompensado ainda em vida, a última morre jovem e com os sentimentos em aflição. Tal como Psiquê, Bela é submetida a provações, mas supera-as e toma, graças à perseverança e intuição, as rédeas da própria vida. Eros, o deus, é príncipe em corpo de Fera. Quasímodo defende Esmeralda e age por ela, mas só pode se unir à jovem na morte. Constata-se aqui que a mesma história viajou através dos tempos, por entre as gentes, por diferentes paragens e foi contada por quantos se dispuseram a fazê-lo. Finais distintos não anulam as similaridades que unem as três narrativas: o mito de Eros e Psiquê permeia-as e se faz evidente. Três histórias? Certamente, não. Apenas uma, embalada ao gosto das tradições populares e modelada graças à imaginação fértil e à habilidade dos bons contadores de casos.

A título de enriquecimento, aproveita-se o trabalho em questão para atribuir-lhe uma breve Análise Estrutural da Narrativa. Essa análise que se segue foi baseada no método proposto por W. Propp, na obra *Morfologia do Conto Popular Russo* e por A. J. Greimas, em *Semântica Estrutural*. Nem de longe é proposta desenvolver todo o inventário das funções apresentadas por Propp. Tal seleção deve-se à possibilidade de analisar de forma mais precisa e sucinta o conto escolhido, sendo esses os autores que sintetizam as invariantes estruturais de forma clara e objetiva. Além do mais, segundo Greimas, “*as semelhanças dos contos russos com outros contos europeus do mesmo gênero são suficientemente seguras*” para se utilizar a *Morfologia do Conto Popular Russo* na referida análise.

As invariantes aqui apresentadas seguem a sugestão de Nelly Novaes Coelho.

Invariantes	Variantes
1. Desígnio	A filha mais nova, a mais dedicada, a preferida e a mais desprezada de ambições deve casar-se com a fera.
2. Viagem	O pai empreende uma viagem de negócios. Na volta, durante um imprevisto; perde-se; é acolhido no castelo da Fera; ao partir, retira uma rosa do jardim. Pela infração deve prometer a filha - promessa feita por causa do desígnio
3. Desafio ou Obstáculo	Como obstáculo à felicidade completa apresenta-se a figura assustadora da Fera, que na realidade era um príncipe aprisionado àquela forma horrenda.
4. Mediação Natural	O caráter de Bela, o convívio com a Fera que, aos poucos, suscita-lhe o amor. A própria Bela detém a magia libertadora.
5. Conquista do Objetivo	Desfeito o encanto, a figura animalesca dá lugar à beleza. Ambos belos, pessoas normais, podem enfim ser felizes dedicando-se um ao outro.

Não se teve como propósito no trabalho desenvolvido esgotar o assunto. Ao contrário, o que se quer é provar que o homem atravessa o tempo e o espaço, mas se mantém fiel ao passado, porque tem consciência de que é graças a este que no presente se pode planejar o futuro e garantir a continuação da espécie humana. *A Bela e A Fera*, ainda comove crianças, jovens, adultos e velhos. Victor Hugo ainda é lido e mexe com os sentimentos de quem percorre as páginas que ele eternizou em *O Corcunda de Notre Dame*, *Os Miseráveis*, *O Homem que ri* e outros.

O bem e o mal, o belo e o feio são temas de sempre. É bom que inquietem o homem para que ele reflita sobre a alteridade; que reconheça a sua insignificância e seus limites para que possa atingir a plenitude. Para isso há de encontrar na literatura o que autores como Apuleio, Grimm, Hugo e tantos outros preocupados com o **homem** tiveram talento e cuidado para registrar e deixar como legado.

Bibliografia

- APULEIO, Lucio. O Asno de Ouro. trad. Ruth Guimarães. Ediouro - Clássicos de Bolso. R.J.
- BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas Paz e Terra. 13^a ed. SP. 1999
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega V. 2 Ed. Vozes 3^a ed. RJ. 1989
- BROCA, Brito. A vida literária no Brasil - 1900. Livraria José Olympio Editora, 2^a ed. RJ. 1960
- BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia. trad. David Jardim Júnior. Ediouro 2^a ed. RJ. 1999
- CASCUDO, Luís da Câmara. Contos Tradicionais do Brasil. Ediouro, 11^a ed. RJ. 1998
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Trad. Vera da Costa e Silva ...[et al.] José Olympio, 13^a ed. RJ. 1999
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil - Teoria, análise, didática. Ática, 6^a ed. SP. 1997
- GREIMAS, A. Julien. Semântica Estrutural. Trad. Haquira Osakape e Izidoro Blikstein. Cultrix. SP. 1973
- GRIMM. Contos e Lendas dos Irmãos Grimm. V. 1 trad. Íside M. Bonini. Gráfica e editora "Edigraf". SP.
- HUGO, Victor. O Corcunda de Notre-Dame. rec. p. Ermantina Galvão G. Pereira. Círculo do Livro. SP. 1991
- Do Grotesco e do Sublime. Ed. Perspectiva. 2^a ed. SP. 2002
- PIMENTEL, A. Figueiredo. Contos da Carochinha. Livraria Quaresma ed. 25^a ed. RJ. 1958
- WARNER, Marina. Da Fera à Loira. trad. Thelma Médici Nóbrega. Companhia das Letras. SP. 1999